

Pedagogia decolonial e interculturalidadeDÉBORA CÁSSIA ROCHA DA COSTA¹, OFÉLIA MARIA MARCONDES²

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, Pesquisadora Voluntária de Iniciação Científica-PIVICT, IFSP, Câmpus Registro, debora.cassia@aluno.ifsp.edu.br

² Doutora em Filosofia da Educação, líder do grupo Mandacaru: educação e filosofia, orientadora de IC PIBIFSP/PIVICT, IFSP, Câmpus Registro, ofelia@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Filosofia da Educação – 7.08.01.01-0

RESUMO: A proposta deste projeto teve sua origem no âmbito do grupo de pesquisa “Mandacaru: educação e filosofia” que tem como proposta a investigação e a discussão dos fundamentos filosóficos da educação seja do ponto de vista epistemológico, ético, político ou estético, além das questões mais atinentes à educação por meio da análise crítica de reflexões advindas da epistemologia decolonialidade que é compreendida por sua crítica ao modelo eurocentrado, colonial, patriarcal. O objetivo deste trabalho e discutir em que medida a decolonialidade nos ajuda a estabelecer críticas ao modelo atual de educação, com vistas a contribuir para uma pedagogia decolonial e intercultural, com ênfase nas questões étnico-raciais. A epistemologia decolonial tem uma forte ligação com o pensamento antirracista e antissexista, além de sua ligação com ideias confluentes com a educação como prática de liberdade, revelando que outra educação é possível. De posse das categorias decoloniais investigadas a partir do estudo analítico-bibliográfico, pretende-se tecer uma reflexão crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pesquisa está em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação decolonial; interculturalidade; BNCC; questões étnico-raciais.

1 INTRODUÇÃO

A educação, processo de formação humana, é pensada a partir do ser humano concreto, singular, cuja liberdade se expressa em suas ações, resultado de seu diálogo contínuo com as circunstâncias. Não um “dentro” e “fora”, nem tampouco a divisão entre “sujeito” e “realidade”, mas uma proposta analítica para se pensar a ação humana no e com o mundo. Inserida na temporalidade da vida humana, a educação deve ocupar-se das exigências das pessoas e das circunstâncias que dela necessitam para se tornarem humanas. Não é possível uma educação que apenas se aproprie de modelos alheios às circunstâncias que a ela dão origem.

Ao nos ocuparmos da reflexão sobre o fenômeno educativo, também nos ocupamos de olhar criticamente como a educação formal é constituída, seu processo histórico-filosófico, o modelo de ser humano que persegue, bem como buscar compreender em que medida as práticas pedagógicas servem ao modelo hegemônico de pensamento ou se serve aos propósitos de libertação.

Este trabalho busca instituir um resgate de conhecimentos omitidos e excluídos pela colonialidade do poder, do saber e do ser, bem como o questionamento sobre tradições raciais e a tentativa de desconstruí-las. Por meio de uma análise de artigos presentes nas plataformas de pesquisa acadêmica Scielo e Google Acadêmico. O *corpus* de estudo foi determinado após levantamento preliminar que utilizou procedimentos quantitativos a partir de palavras-chave, perfil do autor e referências bibliográficas com o objetivo de se fazer o levantamento das produções e publicações que versam sobre decolonialidade e educação, com foco em interculturalidade e questões étnico-raciais nos últimos cinco anos no Brasil. Desse quadro geral, se extraiu o *corpus* para análise comparativa e conceitual buscando identificar quais categorias estão mais presentes no que vem sendo chamado de epistemologia decolonial.

Pensadores latino-americanos como Dussel, Mignolo, Quijano, Zea, Salazar Bondy, Walsh, Maldonado-Torres elaboraram uma crítica ao pensamento produzido na América Latina e revelam um colonialismo do pensar. Em outras palavras, fazem uma revisão crítica da epistemologia hegemônica em *Nuestra América*, promovendo um giro epistemológico e inaugurando uma nova maneira de olhar os problemas dos latino-americanos, e de todos os seres humanos subalternizados, silenciados e invisibilizados por essa ideologia ou paradigma da modernidade cujas bases são o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo.

A visão tradicional do filosofar como modalidade de pensar sob a perspectiva da universalidade, que sempre predominou em nossos meios acadêmicos em decorrência de nossa vinculação cultural ao mundo europeu, vem sendo questionada por muitos pensadores, particularmente por pensadores latino-americanos, africanos e asiáticos, que se conscientizam do eurocentrismo dessa proposta filosófica e questionam sua universalidade e hegemonia. [...] Eles vêm defendendo que ela é antes um paradigma vinculado à logófera euro-ocidental que se tornou hegemônica e se impôs globalmente a todas as outras culturas, por motivos que não exclusivamente filosóficos. Na percepção desses pensadores, esse processo de universalização do paradigma filosófico euro-ocidental não se constituiu a custo apenas do desconhecimento de outros possíveis modos de pensar, mas sobretudo de sua repressão, praticando-se o que se convencionou designar, sob a inspiração direta de Boaventura Souza Santos, um verdadeiro **epistemicídio** (SEVERINO; ROMÃO, 2019, p. 202, grifo dos autores).

O giro epistemológico vem sendo conhecido como pensamento decolonial e tem sua origem nas discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Essa virada epistemológica

gera um "outro" conhecimento. Um pensamento "outro", que orienta o programa do movimento nas esferas política, social e cultural, enquanto opera afetando (e decolonizando), tanto as estruturas e os paradigmas dominantes quanto a padronização cultural que constrói o conhecimento "universal" do Ocidente (WALSH, 2007, p. 16).

Na trama desse debate surge a discussão sobre a interculturalidade como diálogo que permite a construção de um modo outro de pensar, colocando em jogo as relações geopolíticas e de poderes constituídos pelo modelo eurocêntrico de se pensar o mundo e as relações.

O problema que se coloca é como pensar criticamente o currículo segundo a epistemologia decolonial e como o diálogo intercultural torna-se ferramenta para a superação do racismo numa perspectiva emancipadora. Refletir sobre filosofia e educação a partir dos debates sobre decolonialidade nos exige pensar sobre interculturalidade como uma metodologia e emancipação como um fim. É preciso fazer uma análise crítica da BNCC não pela chave do sistema-mundo, mas pela chave do pensamento decolonial, antipatriarcal, antirracista. O que nos leva a buscar compreender que chave é essa e em que medida se opõe ao sistema-mundo hegemônico.

Sendo a educação colonizada, é possível relacioná-la ao capitalismo, à ideologia patriarcal – racista e sexista – e ao silenciamento dos subalternizados. Deste ponto de vista, a hipótese que se coloca é que é possível uma educação decolonial desde que seja assumida a crítica ao patriarcado e ao capital por meio de práticas interculturais que visem a emancipação e a formação de sujeitos críticos. Uma educação com base decolonial, com um diálogo intercultural e com vistas à emancipação tem como resposta uma prática educativa e um currículo antirracista, antissexista e antipatriarcal.

Nos perguntamos sobre a ideologia, debatemos sobre racismo e sexismo, estudamos a recém-inaugurada filosofia da ancestralidade, estudamos a Filosofia da Libertação, lemos Paulo Freire, mas quais são os efeitos disso na prática educativa? As críticas ao currículo são feitas a partir de um pensamento baseado nas circunstâncias ou ainda via pensamento hegemônico, eurocêntrico e colonial? Pensar o currículo, hoje, exige refletir sobre as circunstâncias em que vivemos, resultando numa alteração no modo de pensar. A discussão se justifica dada a atualidade e urgência de se analisar a educação como uma prática formativa a partir da crítica à modernidade e ao pensamento eurocêntrico que coloniza nossa ação pedagógica. Para tanto, torna-se necessário explicitar o pensamento decolonial como uma nova epistemologia: uma epistemologia pedagógica para um currículo decolonial que se caracterize por uma base antirracista e

antissexista, estabelecendo o diálogo intercultural como chave para a organização de uma educação verdadeiramente renovada, democrática e para a emancipação e libertação das relações de opressão.

2 TEORIA

Alicerçamos a pesquisa em teorias que discutem a pedagogia decolonial como possibilidade de enfrentamento à colonialidade do poder, do ser e do saber, usamos referenciais teóricos do pensamento decolonial e da didática crítica intercultural. Constatamos elementos históricos e conceituais que delimitam o pensamento decolonial, a pedagogia decolonial e a educação intercultural, que permitem o desvelar epistemológico de fatos invisibilizados, de enfrentamento crítico ao modelo moderno/colonial e as analogias de colonialidade formadas nos abalos hegemônicos mundiais, maquinados desde o processo de invasão/aquisição das Américas.

O modelo colonial tem a raça e o gênero como matrizes das relações de subalternidade e de opressão. A discussão sobre racismo não se limita a um estudo histórico sobre esta forma de pensar, ser, sentir e agir, mas deve ser pensado e analisado em chave decolonial para que se possa chegar a uma educação antirracista. Assim também os estudos feministas, já que as questões de gênero perpassam as relações de opressão. Assim como o mestiço é o “outro” nas relações coloniais de poder, o feminino também o é, e sustentar as diferenças étnico-raciais e de gênero é sustentar as relações de poder próprias do patriarcado colonial. Estivemos – e ainda estamos – num processo de colonização dos saberes, dos corpos, dos poderes, de modo que a América Latina viveu – e ainda vive –, mergulhada em relações de subalternidade e silenciamento dos povos periféricos, o que nos leva a perseguir as questões postas por Catherine Walsh (2007): o que se entende por interculturalidade, colonialidade e decolonialidade e como pensar uma educação intercultural que promova o pensamento crítico e a ação comprometida com o social? A modernidade traz consigo a colonialidade: ação que envolveu a posse de terras, a expansão do poder europeu, a imposição de uma razão universal; a ideologia imposta pela expansão territorialista foi uma conquista epistêmica.

As práticas coloniais promoveram o silenciamento dos povos originários e dos povos afrodescendentes; silenciamento que se estendeu aos povos mestiços, negando-lhes sua história e sua tradição, o que dificulta o intercâmbio de saberes, de valores, de práticas sociais e culturais. O diálogo intercultural não se resume a por a foco a

diversidade cultural, promovendo apenas a tolerância e a convivência com vistas à mera inclusão desses povos à estrutura social vigente, favorecendo o avanço do capitalismo, da globalização e da coesão social. Nas palavras de Fernet-Betancourt (2007), a interculturalidade é oposição à globalização e ao capitalismo, pois essas formas ideológicas não são plurais, ferindo a dignidade humana e impedindo a comunicação entre as diversas comunidades culturais que constituem a humanidade.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A natureza conceitual e analítica da investigação proposta aponta como forma mais adequada a realização de uma pesquisa prioritariamente teórica e bibliográfica. A pesquisa é majoritariamente bibliográfica para que seja possível a construção de uma base teórica sobre decolonialidade e educação decolonial que auxiliará na análise crítica da BNCC Ensino Fundamental - 1º Ciclo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa contaram com contabilização e reflexão das atividades relacionadas à educação e epistemologia decolonial na América Latina que se centram em discussões teóricas acerca da formação inicial acadêmica docente, questionando os currículos de formação que privilegiam uma matriz de conhecimentos eurocêntricas/estadunidenses.

Todos os trabalhos realizados: pesquisa bibliográfica, levantamentos de dados para a realização do estado da arte, registros da produção científica dos periódicos, resenhas dos textos programados assim como seminários aplicados relacionados com a temática do projeto de pesquisa corresponderam ao que foi planejado.

Além de criar uma classificação das categorias que permeiam os saberes decoloniais, a pesquisa também fez um levantamento das necessidades que permeiam esse objeto de estudo e a carência de algumas partes que o compõem, como o fato de haver poucos estudos com enfoque decolonial no Brasil e escritos em português.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um recorte temos a finalidade de dar continuidade e ampliar as pesquisas realizadas, Assim, iremos traduzir textos da autora Catherine Walsh para o português. Tal material será de suma importância para o *corpus* da pesquisa.

Mesmo em andamento, já podemos entender que é necessário, e até mesmo urgente, colocar na mesa de discussões uma nova pedagogia que seja pensada a partir da produção epistemológica latino-americana decolonial.

Fazer uma crítica à educação escolar e sua epistemologia requer, a partir de uma chave decolonial, romper com os universalismos e demais recursos alienantes, principalmente os dualismos como rico e pobre, corpo e mente, homem e mulher, arte e ciência. Buscar uma prática pedagógica pensada em múltiplas formas de ser, de pensar e de sentir que supere as relações de subalternidade, o silenciamento do outro, a desconsideração de saberes populares e a invisibilização dos povos periféricos. Requer também uma crítica aos pressupostos hegemônicos de modo a problematizar os fins da educação. A busca pela compreensão de uma pedagogia decolonial exige uma discussão sobre educação antirracista, antissexista e intercultural.

Assim, estes estudos que estamos realizando têm como referencial teórico e ponto de partida o panorama da filosofia latino-americana no século XX e seus desdobramentos atuais com fito a compreender a interculturalidade como um projeto político-epistêmico, de modo a contribuir para se pensar uma educação emancipadora e dialógica que corresponda a um novo ordenamento social mais horizontal. Uma virada epistemológica, também teórica e política, necessária para se alterar a educação deve ter como chave o pensamento decolonial, construindo uma crítica ao patriarcado e do que dele decorre como o sexismo e o racismo. Há de se colocar em pauta uma educação dialógica e intercultural que ofereça oportunidades de formação para a autonomia e para o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

FORNET-BETANCOURT, Raúl. La filosofía intercultural desde una perspectiva latinoamericana. **Solar**, nº 3, año 3, Lima, 2007, p. 23-40. Recuperado a partir de <http://red.pucp.edu.pe/ridei/libros/la-filosofia-intercultural-desde-una-perspectiva-latinoamericana/>.

SEVERINO, Antônio J.; ROMÃO, Natatcha P. Posições decolonizantes no pensamento filosófico-educacional no Brasil. In: SEVERINO, Antônio J.; MARCONDES, Ofélia M. (orgs.) **Filosofia da Educação na América Latina** - diálogos, aproximações e perspectivas. São Paulo: Cartago, 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidad colonialidad y educación. **Revista Educación Y Pedagogía**, 19(48), 25-35, 2007. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/6652>
<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874> [Acessado em 04 maio 2017].